

## **Périplos e palimpsestos: a experiência das derivas no estudo de Comunicação e Culturas Urbanas<sup>123</sup>**

Felipe Luna SILVATTI<sup>4</sup>

João Marcelo Flores de BRAS<sup>5</sup>

Universidade Paulista, São Paulo, SP

Lucimara RETT<sup>6</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Paulista, São Paulo, SP

### **Resumo**

Relatamos neste ensaio, a experiência da utilização das derivas urbanas como uma das técnicas de aprendizado propostas em duas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (Unip), em São Paulo, SP, nos anos de 2018 e 2019, quais sejam, “Comunicação, Vida Urbana e Cidades” e “Comunicação e Culturas Urbanas”, ministradas pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Luci Pereira. Primeiramente compilamos autores que serviram de inspiração para a concepção da técnica e, então, entrevistamos a professora, a fim de identificarmos suas motivações para a inclusão das derivas nas disciplinas. São, então, apresentadas as derivas realizadas pelo grupo e, por fim, colhemos depoimentos de alunos participantes. Também ressaltamos alguns trabalhos que surgiram em função dessas derivas.

**Palavras-chave:** Culturas Urbanas; cidades; etnografia de rua; transurbância; derivas urbanas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 – e com recursos de uma bolsa PDS do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

<sup>3</sup> Autorizamos a avaliação e possível seleção deste artigo para publicação no e-book a ser organizado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas.

<sup>4</sup> Bolsista Capes na Universidade Paulista (Unip). Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e mestrando em Comunicação pela Universidade Paulista (Unip). Integrante do UrbeSom – Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas, Música e Comunicação (Unip). e-mail: [felipe.silvatti@gmail.com](mailto:felipe.silvatti@gmail.com).

<sup>5</sup> Doutorando e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (Unip). Pesquisa e atua na interface dos campos da Comunicação, Música e Cidade. Integrante dos Grupos de Pesquisa UrbeSom (Unip), Juvenália (ESPM) e Musimid (Unip). É professor dos cursos de graduação em Comunicação Social da Unip. e-mail: [jmarcelobras@gmail.com](mailto:jmarcelobras@gmail.com).

<sup>6</sup> Bolsista PDS CNPq na Universidade Paulista (Unip), Professora Associada do Departamento de Métodos e Áreas Conexas, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ), Doutora em Comunicação pela Umesp (2009) e Mestre em Comunicação pela Unip (2002). Integrante dos grupos de pesquisa CIEC (ECO/UFRJ), ReC (UFF) e UrbeSom (Unip). e-mail: [lucimara.rett@eco.ufrj.br](mailto:lucimara.rett@eco.ufrj.br). ORCID iD: [0000-0001-9319-9239](https://orcid.org/0000-0001-9319-9239).

## **Introdução**

Nos semestres 2018.1 e 2019.1, foram ministradas pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Luci Pereira, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (Unip), em São Paulo, SP, as disciplinas “Comunicação, Vida Urbana e Cidades” e “Comunicação e Culturas Urbanas”. Além de um vasto conjunto de autores ligados à comunicação e às culturas urbanas, o referencial teórico ainda contemplava textos de arquitetos, geógrafos, antropólogos e, também, publicações que propunham as derivas e a cartografia como instrumentos de pesquisa.

Os autores deste relato, integrantes do programa como mestrando, doutorando e pós-doutoranda, respectivamente, cumpriram as disciplinas não somente pelo fato de serem orientados/supervisionada pela professora, mas também por terem objetos de pesquisa aderentes à temática das ementas.

Neste breve estudo avaliamos a experiência e os afetos dela decorrentes, colhendo dados por meio de entrevistas com a professora e com os alunos participantes. Também realizamos o levantamento dos principais resultados em termos de produção acadêmica no período.

## **De pesquisas de inspiração etnográfica às derivas urbanas**

No livro *Cosmópolis*, Francisco Cruces (2016) disserta sobre a crise de representação do urbanismo e os diversos modos de se conceber o urbano tendo em vista o caráter polifônico e pervasivo das cidades.

Para Paola Jacques (2012, p. 20-21), “as errâncias urbanas, as experiências de apreensão e investigação do espaço urbano pelos errantes, interessam aqui quando transmitidas por narrativas errantes”. Ainda para a autora, “os errantes inventam outras possibilidade narrativas, outras formas de compartilhar experiências, em particular a experiência da alteridade urbanas grandes cidades”. Por fim, Jacques esclarece que essas são “micronarrativas diante das grandes narrativas modernas” e que “elas enfatizam as questões da experiência, do corpo e da alteridade na cidade e, assim, reafirmam a enorme potência de vida coletiva, uma complexidade e multiplicidade de sentidos que conforta qualquer ‘pensamento único’ ou consensual” da mídia hegemônica, das “imagens midiáticas luminosas e espetaculares das cidades”.

Vislumbrando a cidade como devir, os afetos e toda a experiência estética do cotidiano nas metrópoles, é instigante, portanto, o estudo da urbe e de seus diversos atores. Anelise dos Santos Guterres (2013, p. 262) esclarece que a adesão à etnografia de rua nos leva à aproximação com “uma linhagem de pesquisadores da chamada antropologia urbana no Brasil, da qual podemos destacar o trabalho do antropólogo Gilberto Velho (1989) com e em sociedades complexas”. Para Isabel Travancas (2005), uma das pesquisadoras dessa linhagem, as entrevistas e a observação participante se caracterizam como os principais instrumentos de coleta de dados na etnografia. A autora, entretanto, destaca a “perspectiva multidisciplinar” das investigações realizadas nas metrópoles (p. 99). Por outro lado, Francisco Cruces (2016), não considera a etnografia como o melhor método para se obter respostas, mas “ótimo para reformular perguntas de acordo com as experiências das pessoas com as quais se estuda” (p. 9) [tradução nossa]<sup>7</sup>.

Até a elaboração de seus projetos, os pesquisadores ainda não tinham uma noção clara da aplicabilidade das derivas e da cartografia no campo das investigações em Comunicação Social. Assim, muitos optavam (e ainda optam) por enquadrar seu método como “de inspiração etnográfica” já que estavam transpondo as questões da Antropologia para a Comunicação Social. Aos poucos, com a leitura dos textos das disciplinas e as saídas em grupo para transurbância, muitos foram identificando as derivas como um método viável para a investigação de seus objetos.

Giovanni Ferrero *apud* Francesco Careri (2017, p. 105) reconhece o método itinerante e participativo, afirmando que “caminhar não é apenas olhar, é também escutar, em cada lugar, quem vive e quem conhece a cidade”. A propósito, Careri (2013; 2017) foi um dos autores que mais trouxe referências ao grupo para a prática do caminhar.

Caminhando, nos transformamos em uma espécie de tribo itinerante, com regras próprias, um corpo único e multiforme que realiza uma experiência sobre a qual construímos nossos conhecimentos compartilhados. Um espaço unitário de experimentação, uma espécie de laboratório científico em movimento, que desenvolve criativamente sua própria “coerência e pertinência” (CARERI, 2017, p. 105).

---

<sup>7</sup> La etnografía no constituye necesariamente el mejor método para dar respuestas. Pero es óptimo para reformular preguntas al hilo de las experiencias de la gente con la que estudias.

Para o arquiteto, “o caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território” (CARERI, 2013, p. 27-28). Sobre os primórdios da caminhada, o autor discorre sobre a transumância nômade, as errâncias de caça do paleolítico e sobre o percurso como ato estético. Nesse breve percurso histórico, ainda destaca três “importantes passagens”, quais sejam, “do dadaísmo ao surrealismo (1921-24), da Internacional Letrista à Internacional Situacionista (1956-57) e do minimalismo à *land art* (1966-67)” e assim, ele sintetiza uma “história da cidade percorrida” (CARERI, 2013, p. 28).

Careri também nos conta que em 1913, Patrick Geddes, um biólogo de Edimburgo inventou um curso universitário de nome Civiks para um estudo prático da cidade. Na ocasião, ele criou a disciplina “urbanística itinerante” (p. 95). Mais tarde, entre os anos de 1914 e 1924, Geddes experimentou, na Índia, deambulações pela cidade, chamadas de *survey walks*.

A urbanística nasce, portanto, a pé, de uma forma labiríntica e participativa, um método deambulatorio que permite ler e transformar as cidades, cujo produto não é uma visão abstrata e zenital de mapas coloridos estáticos, em zonas funcionais, mas um relato fenomenológico evolutivo, descrito de um ponto de vista horizontal, colocado em movimento graças ao caminhar por entre as dobras da cidade: o *survey walk* (CARERI, 2017, p. 96).

Pode-se dizer que a normatização da deriva enquanto prática artística “lúdico-construtiva”, dentre os diversos procedimentos situacionistas, foi proposta com a publicação de um texto-manifesto por Guy Debord, em 1958. Jocopo Crivelli Visconti (2014, p. VII) explica que a técnica consiste em se “perambular, sobretudo a pé, mas eventualmente também de outras formas, sem rumo predefinido, escolhendo ao acaso, ou com base em sensações e impressões extemporâneas, a direção a ser tomada a cada momento”.

Dentre os pesquisadores brasileiros que optaram por adotar as derivas urbanas no campo da Comunicação Social, destacamos Micael Herschmann e Cíntia Sanmartin Fernandes (2014, p. 43) que as descrevem como “percursos com a intencionalidade que busca o que está na experiência da cidade com o objetivo de encontrar os sentidos imanentes dos lugares”. Os autores entendem a sua adequação para se compreender a cidade como um espaço dinâmico, de sensibilidades e subjetividades, que se atualiza

cotidianamente. A partir das derivas urbanas, Fernandes e Herschmann (2015) também lançam mão da cartografia em suas pesquisas em Comunicação Social, sobretudo acerca da música nas cidades.

Lembramos, aqui, entretanto, que derivas e cartografias não são procedimentos análogos, mas sim, que podem ser complementares. “Podemos afirmar que o corpo se faz presente na prática de cartografia e é com ele que processos são acompanhados e sofrimentos (*pathos*) compartilhados” (POZZANA, 2016, p. 56), desse modo, a estesia e a afetabilidade proporcionados pela caminhada podem servir como *input* de dados para uma cartografia.

Com a cartografia, mais uma vez nos aproximamos da antropologia. “Sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso. A pesquisa de campo requer a habitação de um território que, em princípio, ele não habita. Nesta medida, a cartografia se aproxima da pesquisa etnográfica e lança mão da observação participante” (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 56).

Por fim, destacamos que Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos (2015, p. 172) evidenciam que “no método da cartografia, a inseparabilidade entre pesquisa e intervenção desestabiliza pressupostos tradicionais do conhecimento científico [...]”.

Neste trabalho buscamos demonstrar que as derivas urbanas podem ser apropriadas como método de pesquisa no campo da Comunicação Social, com a possibilidade, ainda, de se estenderem para intervenções e cartografias.

### **Périplos e palimpsestos na cidade de São Paulo**

Com a inspiração dos autores apresentados acima, as incursões etnográficas nomeadas como “derivadas urbanas” foram, então, incorporadas aos programas das disciplinas “Comunicação, Vida Urbana e Cidades” (2018.1) e “Comunicação e Culturas Urbanas” (2019.1), do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (Unip). Guiados e orientados pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Simone Luci Pereira, os alunos se dispuseram a caminhar pelas ruas do Centro da cidade de São Paulo, para perceberem os afetos dessa nova experiência com a metrópole, o que detalharemos a seguir.

Em entrevista<sup>8</sup>, Simone Luci Pereira nos contou como chegou à ideia de inclusão da prática das derivas urbanas em suas disciplinas.

Antes de chegar nas derivas, eu tive um interesse, há muito tempo, de estudar as cidades, a vida urbana. Isso começou lá no meu mestrado e no meu doutorado há 15, 20 anos, quando eu fiz uma incursão pela antropologia urbana. E na antropologia urbana eu comecei a perceber que uma questão fundamental era andar pela cidade. Ver na caminhada pela cidade, um método. Não, na verdade eu não sabia que era um método, ainda, nesse sentido tão organizado, mas tinha ali um indício de que aquilo era importante, de que aquilo ajudava de alguma maneira a compreender os indícios.

A docente, diz que sempre foi leitora de Walter Benjamin e que, também, sempre leu muito sobre a *flanerie*, o *flâneur* do século XIX, despertando a visão para o quanto o caminhar pela cidade é fundamental na experiência e na subjetividade moderna e o quanto a caminhada é necessária e fundamental para se conhecer a cidade e a sua dimensão sensível. “Nessa caminhada pela cidade você vai percebendo aquilo que é da ordem dos cacos, dos fragmentos, das miudezas de todo dia e quanto aquilo faz um sentido enorme e não é um mero detalhe”.

Pereira ainda menciona o conceito da hermenêutica do cotidiano, a partir da Maria Odila Leite, professora do campo da história, curso de graduação da entrevistada.

Então eu fui juntando essas referências na minha vida, aí fiquei um tempo sem pensar nisso e parti para outras coisas, fui estudar bolero, escuta, recepção de música e a cidade ficou um pouco de lado, mas quando eu assumi a coordenação do GP de Comunicação e Culturas Urbanas da Intercom, em 2017, embora eu nunca tivesse me afastado dele, eu senti de novo o “bichinho da vida urbana”, da cidade me pegando, me chamando, pra eu olhar pra isso de novo e aí eu comecei a voltar as minhas pesquisas muito mais pra esse pensar a cidade. E aí nesse mesmo tempo eu comecei a fazer o meu terceiro pós-doutorado, que foi em comunicação, sob supervisão do Micael Herschmann, na ECO/UFRJ. E o grupo do Micael [Herschmann] na UFRJ está sempre em contato com o grupo da Cíntia [Sanmartin], na UERJ.

A outra grande contribuição teórica, como já apontamos anteriormente neste artigo, veio de Francesco Careri e a perspectiva do andar como prática estética. Embora não saiba especificar precisamente quando e como esse autor chegou até ela, Simone Luci Pereira afirma que a leitura a impactou demais, sobretudo na perspectiva de alguém do campo da arquitetura estar pensando no caminhar como uma prática humana (ele parte dos primórdios do caminhar). “O caminhar como uma prática humana que é uma prática estética e, eu acrescentaria, se é uma prática estética, é uma prática política.

---

<sup>8</sup> Entrevista pessoal concedida aos autores em 05 jun. 2019.

---

O caminhar pela cidade como mais do que aquilo que eu já pensava com a antropologia urbana, com Benjamin”. Então a docente chega à conclusão de que “aquilo poderia servir como um método para a apreensão da cidade numa dimensão sensível”.

Além da leitura de Careri, Pereira conta que foi se debruçar em Guy Debord que, como explicamos na primeira seção deste artigo, instituiu o conceito de derivas para o campo artístico. O campo da arquitetura também contribuiu para a entrevistada pensar as derivas como método, a partir de Paola Jacques, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O campo da arquitetura e urbanismo entrou nos meus estudos como contribuição, [para] usar esse caminhar como um método, que é usar a escala do corpo na cidade, perceber a cidade com os sentidos, com o corpo inteiro e que é um método, mas [também] é uma intervenção e, nesse sentido, é muito político, porque a gente está lá, nos nossos exercícios, fazendo as caminhadas pela cidade e a gente está intervindo naquele espaço com os nossos corpos de pesquisadores, também.

Questionada se seriam as derivas uma estratégia pedagógica, Simone Luci Pereira diz que elas foram lhe parecendo cada vez mais um método. “Eu não sei se eu tive uma estratégia pedagógica assim tão elaborada. Eu quis experimentar como em uma disciplina chamada ‘Comunicação, Vida Urbana e Cidades’, a gente poderia pensar a cidade saindo da sala de aula, tendo uma apreensão da cidade andando por ela”.

No primeiro semestre de 2018, então, foram propostos 3 exercícios, todos “inusitados”, segundo a professora, que também esclarece que, embora Francesco Careri, Paola Jacques e outros autores falem de espaços fraturados da cidade, nas primeiras derivas urbanas, ela optou por levar a turma não para esse tipo de lugar, mas sim para locais com maior visibilidade, onde seria possível ter esse outro olhar, para tentar experimentar essa outra experiência do olhar e do sentir a cidade. Assim, a primeira deriva se deu no Beco do Batman, um conhecido local repleto de grafites, na Vila Madalena, em São Paulo.

E no Beco [do Batman] já deu para sentir coisas muito diferentes do que uma visita mais tradicional teria. Então, eu acho que a deriva está muito articulada ao trabalho da etnografia. Eu gosto sempre de frisar que a gente não está distante do que os antropólogos fazem, do que uma etnografia séria faz e é por isso que eu articulo a discussão de derivas no mesmo curso que uma discussão de antropologia urbana, em que você tem autores como Manuel Delgado, Francisco Cruces e tantos outros que enfatizam a questão do andar pela cidade, de ter uma observação flutuante pela cidade, como um elemento de captar essa fragmentação, esses detalhes do cotidiano, como um método. Então, não sei se foi uma estratégia pedagógica, mas foi uma tentativa de viver na prática o que a teoria estava falando. Eu fiquei inspirada pelo Careri, adaptando o conceito,

---

porque para o Careri tinha que andar não sei quantos dias, não sei quantas noites, tinha que dormir na rua, não pode voltar atrás, tem que pular a cerca, nunca volte, se tem uma cerca pule, a gente adaptou isso para São Paulo, mas como essa tentativa de apreensão da cidade e aí foi uma experiência muito legal nos dois anos. Em 2018, foi mais inusitada, tanto porque era nova, para mim também, como também porque havia muitos alunos que não eram meus orientandos, que estavam mais distantes dessa discussão da cidade e foram e embarcaram, mergulharam nisso.

Acerca desses exercícios, uma constatação impactante para ela, como professora e como pesquisadora, foi ver o quanto as pessoas não conhecem a cidade. “As pessoas não andam pela cidade, então, de algum jeito, uma primeira coisa que [a experiência] me proporcionou foi [ver] as pessoas olharem e pensarem: poxa, dá para andar, a cidade é um lugar onde dá para se andar”. E enfatiza: “É preciso pensar na cidade andável. Andar pode ser uma prática estética e política, eu acho que as duas coisas andam juntas”. Simone Luci Pereira acrescenta que todos nós fazemos derivas individualmente, mas que as práticas extra-classe trouxeram uma experiência muito própria, que foram as derivas coletivas. Desse modo, a professora destaca a interação entre os alunos do grupo que, sobretudo no primeiro ano, era bastante heterogêneo. Nesse ponto, ela reconhece ver na atividade, um ganho pedagógico e um resultado afetivo entre os participantes. Por fim, ela enfatiza uma terceira questão que é a produção de conhecimento resultante da experiência, já que muitos artigos estão sendo produzidos a partir das derivas realizadas.

Foram realizadas três derivas em cada semestre (figura 1), com grupos que variaram em número de participantes, cerca de 8 a 12 alunos regulares e ouvintes, da pós-graduação em níveis de mestrado, doutorado e pós-doutorado, além da professora. Foram percursos curtos, com cerca de 3 a 5 horas de duração, em locais pré-determinados da cidade de São Paulo, onde os pesquisadores puderam exercitar o caminhar como prática estética. Com base nos preceitos dos autores citados na primeira seção deste trabalho, os alunos, a partir dos diferentes pontos de encontro a cada deriva, saíam em grupos para a errância pela cidade.

Destacamos, neste breve ensaio, não somente o aprendizado, o despertar do olhar para questões que antes poderiam nos passar despercebidas, mas, sobretudo, a preocupação que cada membro do grupo tinha com os demais colegas durante as caminhadas, o que gerou grande entrosamento e empatia entre os participantes.



Figura 1 – Derivas pela Cidade de São Paulo



Fotos: João Marcelo Bras - Arquivo dos autores.

A primeira experiência do grupo se deu, como já mencionado, no primeiro semestre de 2018 quando o grupo de alunos visitou uma “galeria a céu aberto” denominada Beco do Batman, que fica na região oeste da cidade de São Paulo, informalmente denominada Vila Madalena, onde se encontram grafites de vários artistas. Nessa ocasião, apesar de uma forte chuva que encerrou as atividades do dia, pudemos conhecer o artista “Ninguém Dorme”, que tem ali um ateliê e que é um representante dos primeiros expositores que tem ali um espaço para manifestar o seu trabalho. A partir dessa deriva foi produzido, para o evento Comunicon (ESPM, SP), o artigo “Intensidades de Concreto e Alma: Derivas Urbanas pela Cidade de São Paulo”, de autoria de João Marcelo Flores de Bras e Milena Santana Signor Avela. O local também foi um dos objetos da dissertação de mestrado de outro aluno do Programa, Paulo Cesar Panontim, com o título “As marcas e a publicidade contemporânea: aproximações com a arte de rua e seus ativismos”.

A segunda incursão do grupo se deu na região tradicional da Bela Vista, o Bixiga, que foi objeto da dissertação de mestrado “Bixiga: dinâmicas comunicacionais e

urbanas e seus sentidos políticos”, de Milena Santana Signor Avela . Essa área concentra um quarto dos bens tombados da capital paulistana, oitocentos e noventa e cinco imóveis protegidos como patrimônio histórico, Cultural e ambiental. Trata-se de um corredor cultural paulistano que abriga teatros como o Sérgio Cardoso, Oficina, Ruth Escobar, Maria Della Costa, casas de shows como Café-Piu-Piu, Madame Satã e o alternativo Al Jannah, museus como o de Memória do Bixiga e Museu dos Óculos, os tombados Arcos da Rua Jandaia, os Espaços Culturais Latino Americano, Casa do Saber e Pinho de Riga e a feira de antiguidades da praça Dom Orione todos os domingos. Alguns locais e festas da região já integraram pesquisas da professora Simone Luci Pereira. A deriva foi encerrada por volta das dezoito horas, na Casa do Mestre Ananias, onde o grupo foi recebido pelo mestre Rodrigo Minhoca, que explicou, com grande entusiasmo, a dinâmica do espaço, com elementos simbólicos ritualísticos espalhados pelas paredes e pela grande roda central. Ainda que a Casa não estivesse em funcionamento naquele horário, a apresentação causou grande impacto em alguns membros da deriva, em especial, o doutorando João Marcelo Bras, que mudou, naquele momento, o seu objeto de estudo, passando a investigar a Casa do Mestre Ananias.

Além dessas, o grupo realizou outras derivas pelo centro da Cidade de São Paulo, com diferentes focos, ora mais histórico, ora mais artístico ou cotidiano. Dentre museus e igrejas visitados pelo grupo durante os exercícios, destacamos o Solar da Marquesa de Santos, o Mosteiro de São Bento e o Pátio do Colégio, todos na região central que marca o nascimento da cidade de São Paulo. Nesse momento, a professora Simone Luci Pereira que, como já dissemos, tem graduação em história, nos trouxe a palavra palimpsestos para denotar as camadas que foram criadas com a urbanização da cidade.

Uma das derivas pelo centro da cidade também nos levou ao Centro Cultural Ouvidor, uma ocupação artística situada nas proximidades do Vale do Anhangabaú, que já havia sido tema de um trabalho apresentado no evento Musimid (Unip, SP) pelo doutorando Everton Vitor Pontes da Silva. O grupo foi recebido por Santiago, um dos artistas que residia no local, que nos levou até o terraço do edifício repleto de arte *underground* por todos os lados. Nesse momento, pela relação do edifício não somente com as artes plásticas, mas também com a música, a pós-doutoranda Lucimara Rett, que estuda os músicos de rua, propôs o desenvolvimento de um artigo sobre o Festival Ocupa Ouvidor 63!, realizado pelo coletivo de artistas do Centro Cultural. O trabalho,

---

em parceria com o doutorando Everton Vitor Pontes da Silva, foi apresentado no evento Comúsica (UFRB).

A última deriva da disciplina ministrada em 2019 aconteceu na rua Barão de Tatuí, na Vila Buarque, em São Paulo, região onde a gastronomia, a cultura e a história convivem, chamando a atenção dos jovens paulistanos.

Colhemos depoimentos<sup>9</sup> de alunos que cursaram as disciplinas em que as derivas foram realizadas, procurando entender de que maneira os discentes encaram essa prática no que diz respeito ao estudo das Culturas Urbanas.

A doutoranda Gabriela Gelain considerou que as derivas são uma forma prática de se perceber e articular a teoria, a bibliografia dada em aulas com os conceitos acerca da urbe, espaços públicos e cosmopolitismos. Afirmou, também, que as derivas podem ser um meio eficaz para a compreensão da cartografia enquanto método de pesquisa. Para além disso, Gelain enxergou as derivas como uma imersão empírica que contribui para trazer *insights* e abre perspectivas para novas pesquisas, artigos, objetos de pesquisa e discussões em sala de aula, que provavelmente não se abririam diante de uma discussão tão somente teórica. A doutoranda também observou que, além da contribuição para se pensar os objetos de pesquisa a partir de novos olhares, as derivas são um meio eficiente para se conhecer a cidade por onde transitamos sem parar para refletir sobre ela.

O mestrando Luis Porto, por sua vez, destacou como as derivas contribuem para o entendimento da linguagem local, de como as pessoas que circulam por aqueles espaços estudados se apropriam deles, como conquistam o espaço, por assim dizer. Segundo Porto, os impactos da ausência do Estado de Direito nas localidades que foram objeto das derivas puderam ser sentidos de maneira muito mais contundente do que seriam por meio de uma abordagem puramente teórica ou bibliográfica. Em suma, as derivas, de acordo com o mestrando, trouxeram valiosa contribuição para um conhecimento mais abrangente das culturas locais e dos aspectos gerais das comunidades, estejam elas nos centros ou nas bordas da cidade.

O doutorando Vitor Pontes apontou que as derivas contribuíram especificamente para a pesquisa que ele empreende, uma vez que é uma metodologia que se adequa ao objeto estudado e ajuda a romper com estruturas muito rígidas de investigação. As derivas, segundo Pontes, “permitem observar os fluxos urbanos em movimento e as

---

<sup>9</sup> Depoimentos colhidos por e-mail no período de 20 a 28 jun. 2019.

metamorfoses que vão acontecendo com os objetos de estudo”. Tais mudanças, o doutorando observou, são, via de regra, inesperadas. A deriva, nesse sentido, seria a metodologia ideal para se observar o “entre”, isto é, “o momento em que as relações sociais, culturais e políticas ocorrem, e como os agentes se relacionam com esses fenômenos, territórios, ideologias e identidades possíveis, seja de forma negociada ou conflituosa”. Por fim, Vitor Pontes resumiu da seguinte forma sua concepção da contribuição que as derivas enquanto método podem trazer para o estudo das Culturas Urbanas: “Enxergo as derivas como uma possibilidade de observação e acompanhamento dos fatos que acabam conduzindo o pesquisador e direcionando os rumos da pesquisa para os aspectos mais relevantes”.

João Marcelo Bras, um dos autores deste artigo, é considerado o “fotógrafo oficial” do grupo. Quase que invariavelmente as imagens são captadas por seu olhar atento e sensível, fornecendo um histórico visual das caminhadas. Para João, “trabalhar com um grupo de pesquisa orientado para a etnografia, levou olhares diversos que contribuíram em cada incursão para a ampliação de um rico repertório, movidos pelo desejo de tomarmos o espaço público”. Bras relata o impacto de sua chegada à casa do Mestre Ananias:

No mesmo instante, a “angústia do pesquisador”, arrogante, em princípio, de querer entender o que era aquele mundo, fazendo trocar imediatamente o objeto de minha tese. Hoje, mais de um ano intenso de vivência no cotidiano da Casa do Mestre Ananias, percebo que é o pesquisador que descobre nada, mas o tempo de envolvimento que permite a degustação desta interpretação de constelações de subjetividades destas expressões culturais.

Para fechar estes depoimentos, a contribuição de Lucimara Rett, que também assina este trabalho. Rett afirmou que as derivas trouxeram uma compreensão da importância de se caminhar pela cidade para observar com propriedade os fenômenos estudados em sala de aula. Elas contribuíram também para a descoberta de novos objetos instigantes, que não seriam observados de outra forma. Em uma das derivas, a pós-doutoranda conheceu o Centro Cultural Ouvidor, identificou-se fortemente com o local, e naquele momento mesmo decidiu que a ocupação seria um novo objeto de pesquisa. Atualmente, em paralelo com sua investigação sobre as bandas de rua na Paulista Aberta, a pesquisadora também desenvolve uma etnografia na Ocupa Ouvidor 63. Descobriu, inclusive, por meio da imersão, pontos em comum entre os dois objetos. Também aponta um avanço de suas investigações para além do campo, com

---

intervenções, ainda que tímidas e com pouca representatividade, em ambas as pesquisas, com o engajamento e participação em audiências públicas e em movimentos a favor das causas em pauta.

### **Considerações Finais**

As derivas urbanas deslocam o caminhar pela cidade para um entendimento do cotidiano que transcende a observação das paisagens visuais e sonoras, atingem um sentir e recontextualizar afetivo entre o espaço e a perspectiva do caminhante atento em um tempo e espaço não cristalizados.

A potência, sempre precária, das possibilidades do corpo circulante nos fragmentos urbanos, reflete o devir da vivência invocada em cada nó, elementos que articulam as negociações e resistências de uma cidade tão complexa como São Paulo.

Realizar derivas entre a ancestralidade residual da Casa do Mestre Ananias e a vibração das artes de resistência criativa da ocupação do Centro Cultural Ouvidor 63 nos motivou a escrever este artigo. Olhos atentos e corpo exposto à estesia urbana trouxeram afetos, no seu amplo sentido, tanto à cidade, quanto aos nossos corpos de pesquisadores por ela deambulando.

A transurbância nos tornou palatáveis e lúdicas as práticas da Antropologia Urbana, sem que tenhamos perdido a seriedade que esses estudos nos permitem acessar. Assim, inferimos ser amplamente pertinente essa aproximação e apropriação do aporte teórico das etnografias para as investigações no campo da Comunicação Social, mesmo que ainda as descrevamos como “pesquisas de inspiração etnográfica”. Não podemos deixar de destacar, novamente, as contribuições trazidas, também, pelos campos da Geografia e da Arquitetura e Urbanismo.

Além disso, os afetos no sentido de coesão do grupo. Hoje a maior parte dos alunos que participaram das derivas nas disciplinas, integra o UrbeSom, Grupo de Pesquisa em Culturas Urbanas (Unip/CNPq), coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Simone Luci Pereira, e, desse modo, destacamos o êxito de sua proposta e a continuidade deste trabalho não somente em cada pesquisa e intervenção já consolidada, em andamento ou ainda, nas futuras investigações nacionais e internacionais a serem propostas tendo as derivas urbanas como método, já que o grupo conta com pesquisadores do Brasil e de outros países, tais como México e Portugal.

## Referências

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. Diário de bordo de uma viagem-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 172-200.

CARERI, F. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

\_\_\_\_\_. **Caminhar e parar**. São Paulo, Gustavo Gili, 2017.

CRIVELLI VISCONTI, Jacopo. **Novas derivas**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2014.

CRUCES, Francisco (coord.). **Cosmópolis**: nuevas maneras de ser urbanos. Barcelona: Gedisa, 2016.

DELGADO, Manuel. **EL animal Público**: hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona. Ed. Anagrama, 1999.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras**: Estudos midiáticos. Unisinos. set./dez. 2015. p. 290-301. Disponível em:

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.03/4989>>.

Acesso em: 25 jun. 2019.

GUTERRES, Anelise. A etnografia de rua na construção do objeto de pesquisa em antropologia: onde um percurso pela rua vira um percurso pela morada. In: ROCHA, Ana Luisa Carvalho da; ECKERT, Cornelia (orgs.). **Etnografia de rua**: estudos de antropologia urbana, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013. p. 259-288.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

POZZANA, Laura. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Silvia (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. v.2. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 42-65.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 98-109.